

## COMO SE SURPREENDER COMPLETAMENTE

Eduardo Sinkevisque  
(Doutor em Literatura Brasileira pela FFLCH/USP)

*Como Desaparecer Completamente* (Rocco, 2010, 185 páginas), título retirado de *How to Disappear Completely*, de *Radiohead*, não se filia à prosa moderna, nem pós-moderna. Tem-se, no romance de André de Leones, uma escrita sem classificação imediata, e de muita diversidade e qualidade. Embora um romance contemporâneo, não linear, o livro de André de Leones é trabalhado com categorias narrativas tradicionais. Nele, tem-se enredo, foco narrativo, discurso direto/indireto, cujo narrador de 3ª pessoa (um dos narradores do romance) é figurado como onisciente. Não se diz, com isso, que o autor retroceda, apenas que suas rupturas narrativas são de outra ordem.

A disposição das matérias em capítulos, que levam nomes de personagens vários, isolados em monólogos ou em interlocução umas com as outras, dissolve a noção de protagonista, muito embora se possa dizer que Mariana pertença a uma das ações principais. Os temas são contemporâneos, sutis reflexões. Basicamente, o enredo do livro nos propõe uma história de relações, histórias dentro de histórias, a de Mariana, separada, e a de João Bosco, escritor, entre outras. Outro elo de ligação entre as partes pode ser o livro rejeitado, de João Bosco, que vira *cult*, principalmente a partir do capítulo nomeado “Angélica”. A virada na recepção do romance dentro do romance ocorre a partir da segunda parte, e do segundo capítulo da terceira parte.

Os temas constituem pessoas contemporâneas típicas de megalópolis como São Paulo. Poderíamos estar, ao ler *Como Desaparecer Completamente*, em Tóquio, em Londres e, por que não, em Nova Iorque. As personagens são mais ou menos fúteis, entediadas, *blasés*. A cidade fornece luz às personagens, num jogo humano/desumano. Arcos de elástico bem apertado, cada uma delas é uma seta. Quem desaparece é o narrador, dissolvido por meio dos narradores. Que não desapareçam os leitores! Esses se podem prender/desprender aos (dos) elásticos, e como setas fazerem as trajetórias que o romance propõe.

Jovens, velhos, pessoas de meia idade; amores, desamores, encontros e desencontros em meio à paisagem urbana de São Paulo; basicamente entre av. Paulista, r. Augusta e imediações. Um bairro ou outro a funcionar como personagens e a fazer das pessoas paisagens, numa espécie de inversão. Nomes de personagens tirados de ruas, bairros, que emprestam humanidade às coisas, coisificam as pessoas. Pessoas tornadas cidade, cidade tornada pessoa. A epígrafe de Osman Lins confirmaria isso: a cidade como *persona*, assim como os títulos dos capítulos compostos de nomes de personagens, numa espécie de cruzamento de lugares/pessoas. Além das conversas e vivências das personagens (heterossexuais, bissexuais, homossexuais femininas), a narrativa se realiza, muitas vezes, através de *e-mails*, *blogs*, num jogo entre capítulos mais ou menos convencionais e outros que performatizam práticas comunicacionais que estão em vias de se tornarem convenções.

*Como Desaparecer Completamente* tem unidades não fechadas em si, abertas entre si, ou para si. A segunda parte sugere maior radicalidade no uso da linguagem que as outras. Pode surpreender o leitor, uma vez que rompe com as demais. A separação dos capítulos e as matérias em disposição de partes não fragmentam o texto, nem fraturam uma suposta coesão narrativa.

Os capítulos da primeira parte lembram “Ciranda”, de Carlos Drummond de Andrade; porém, uma ciranda quebrada, às vezes em cadeia rompida, com sucessividade rompida. O capítulo 1, “Mariana – Marcelo”, é um acende/apaga; ama

/não ama; quer/rejeita, cujas falas são interrompidas, incompletas. Nele, se configura fim de relação. No capítulo 2, “Marcelo – Angélica”, tem-se Marcelo, ex-namorado de Mariana, que, sem casa para morar, vai para a casa da avó. Marcelo já esteve com Mariana, que já esteve com Augusta: eis um dos exemplos de ciranda. No capítulo “Augusta. Mariana. Augusta. Mariana. Augusta, tem-se monólogos, mesmas personagens de antes, de sempre, mas sem muita ligação com o que se narrou antes.

A antítese parece ser a grande figura do livro. Por meio do uso narrativo contínuo, desenha alegoria antitética. O capítulo “João Bosco” é fala de uma só pessoa, fala solitária. Um grito interrogativo em meio ao turbilhão de coisas, à narração desenfreada, e a tanta rejeição sofrida pelo escritor. Na terceira parte, há quatro diálogos e um monólogo. Conversas frívolas. Há dois desfechos, dispostos nos dois últimos capítulos. “Mariana – Augusta” (voltam, e nomeiam capítulo). “Marcelo – Liberdade” (nome de bairro, nome de gente). Nele, tem-se uma emblemática e surpreendente mulher. Quais desfechos formam? É ler para ver. Agora, cabe outra pergunta: como se surpreender completamente? Uma ótima opção é ler *Como desaparecer completamente*. Os motivos dessa afirmação? Foram demonstrados aqui. O romance de André de Leones cumpre sua principal função, a de provocar deleite nos leitores.